

ITINERÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO A ZYGMUNT BAUMAN E A TRANSFORMAÇÃO DE SUA OBRA EM PRODUTO LITERÁRIO PARA CONSUMO

Renato Nunes Bittencourt¹

RESUMO: O artigo apresenta de que maneira a obra de Zygmunt Bauman exerce grande influência em minha atividade intelectual transdisciplinar e de que maneira considero importante o estabelecimento de uma perspectiva crítica acerca da maneira como o mercado editorial torna sua obra um sofisticado produto de consumo que mitifica a perspicácia intelectual do grande pensador polonês.

Palavras-Chave: Zygmunt Bauman; Bildung; Crítica; Mercado Editorial.

BIOBIBLIOGRAFICAL ITINERARY TO ZYGMUNT BAUMAN AND THE TRANSFORMATION OF HIS WORK IN LITERARY PRODUCT FOR CONSUMPTION

ABSTRACT: The article presents the work of Zygmunt Bauman exerts great influence in my intellectual activity transdisciplinary and how I think it is important to establish a critical perspective about the way the publishing market makes his work a sophisticated product which cheats the intellectual acumen of great Polish thinker.

Keywords: Zygmunt Bauman; Bildung; Critique; Publishing Market.

PRÓLOGO

O presente artigo é um tributo ao grande pensador Zygmunt Bauman, cuja obra influenciou sobremaneira minha formação intelectual, despertando minha consciência para diversos problemas filosóficos da realidade contemporânea em suas mais amplas interfaces multidisciplinares. Com efeito, ao conhecer a vasta obra de Bauman, diversos outros temas e autores adentraram em meu estofo cultural, favorecendo indubitavelmente meu enriquecimento teórico e dissolvendo as limitações epistêmicas próprias da formação acadêmica em Filosofia, infelizmente muitas vezes autocentrada em suas próprias problematizações, sem quaisquer conexões com a dinâmica concreta da vida humana. Apresento minha trajetória intelectual mediada pelo contato com a obra de Bauman, assim como suas contribuições filosóficas para a compreensão dos fundamentos da grande crise da Modernidade. Por fim, analiso também o problema que identifico em diversos leitores superficiais da obra de Bauman, que promovem devotamente sua mitificação intelectual, como se o gênio polonês fosse o arúspice

¹Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ/Professor da FACC-UFRJ. E-mail: renatonunesbittencourt@gmail.com

capaz de fornecer o sentido oculto de nossa realidade fragmentada para um público culturalmente sofisticado, mas incapaz de desenvolver o sendo genuíno de autonomia intelectual em suas vidas; esse tipo de público se relaciona com a dimensão cultural como um produto de luxo, jamais como um conhecimento capaz de promover real emancipação e empoderamento pessoal.

PEQUENO HISTÓRICO CULTURAL NO ITINERÁRIO A ZYGMUNT BAUMAN

Em 2006, após receber o convite de Luís Carlos Bittencourt para redigir um livro didático (*Comunicação e Filosofia*) para o curso de Comunicação Social da Faculdade CCAA, deparei-me com os nomes de diversos autores sugeridos como base teórica para a preparação do material acadêmico. Um deles foi Zygmunt Bauman, pensador cuja obra até então desconhecia. O livro em questão era *O mal-estar na pós-modernidade*. Nesse período realizava o Doutorado em Filosofia no PPGF-UFRJ, redigindo a tese *Nietzsche e a experiência religiosa da imanência na experiência trágica dos gregos e na práxis crística originária*, sob a orientação de André Martins. Apesar de intelectualmente focado na redação da tese, usualmente me interessava pelo estudo de outros autores alheios aos conteúdos de minha pesquisa de doutoramento, apresentando inclusive comunicações em seminários acadêmicos de Educação e Literatura, por exemplo. Outras leituras dos livros de Bauman se seguiram, como *Amor Líquido* e *Medo Líquido*.

Nessa época, na condição de professor contratado, eu também lecionava Filosofia para as turmas de Ensino Médio do Colégio Pedro II – Campus São Cristóvão, e em 2007, em uma abordagem pedagogicamente insólita proposta pelo Departamento de Filosofia dessa veneranda instituição de ensino, conteúdos de ética aplicada e de questões contemporâneas foram ministrados aos alunos da segunda série do Ensino Médio, e, dentre esses temas, incluí a problematização sobre os signos da Moda e as disposições existenciais do consumismo, de forma que os escritos de Bauman foram utilizados como algumas das principais referências textuais. Iniciaram-se assim meus primeiros trabalhos pedagógicos em que aproveitei o pensamento de Bauman como ponto forte de reflexão.

Essa demanda intelectual se consolidaria em minha atuação profissional/acadêmica a partir de minha entrada como docente, no primeiro semestre de 2009, no curso de Comunicação Social da Faculdade CCAA, em especial na disciplina *Comunicação e Filosofia*, encontraria ainda um grande eixo de problematização na disciplina Sociologia do Consumo, lecionada no curso de Especialização em Pesquisa de Mercado e Opinião Pública da UERJ, onde exerço desde meados de 2013 a função de professor colaborador. Em minhas atividades docentes no curso de Administração da UFRJ, iniciadas no primeiro semestre de 2015, a obra de Bauman também permanece como uma das referências



fundamentais para os estudos organizacionais da vida atual mediada pelo espírito do consumismo, as ambivalências da globalização e a normatividade da ordem de mercado. Também no Projeto de Extensão Jurisdrama, desenvolvido junto ao departamento de Administração da UFRJ sob a coordenação do Prof. Helios Malebranche com a colaboração dos colegas Fabio Samu da Cunha e Teresa Coutinho, a obra de Bauman permanece plenamente convergente com minhas pesquisas acerca do problema da insegurança pública, da violência policial contra a pobreza e das incertezas existenciais na fragmentação do tecido social graças ao modelo plutocrático de gestão social.

O apreço intelectual que nutro pela obra de Bauman serviu de estímulo para a criação, no início de 2011, do periódico eletrônico Cadernos Zygmunt Bauman e, a partir da concretização desse projeto inovador, muitas parcerias se estabeleceram e muitas amizades se fortaleceram. Nessas condições, cito aqui os nomes dos colegas Rafael Bianchi, Adriano Machado, Luciana Velloso, Renata Feital, Eliza Bachega Casadei e, principalmente, Wellington Lima Amorim, como tributo pela convergência intelectual manifestada para com a obra de Bauman que favorece o progresso das ideias em nossas relações acadêmicas. Os Cadernos Zygmunt Bauman nasceram de uma iniciativa pessoal extraordinária, a celebração em vida de um pensador de grande relevância para a compreensão dos problemas da sociedade contemporânea, afinal, honrar um grande pensador postumamente é digno e conveniente, mas por qual motivo não podemos enaltecê-lo em vida, quando as suas forças criativas se encontram ainda em plena atuação? Contudo, contingências profissionais impediam o progresso do periódico, e somente através da participação proativa de Wellington Lima Amorim, na condição de docente da UFMA, conseguimos hospedar a revista eletrônica no site da instituição, facilitando assim consideravelmente o trabalho de editoração desse veículo e a expansão de sua rede de colaboradores.

Nesse processo de aprimoramento constante em minha formação intelectual, muitos estudos sobre Bauman se seguiram, e os primeiros textos pautados na análise da sua obra foram publicados em diversos periódicos acadêmicos e mesmo em jornais, tornando-se uma feliz constante no decorrer de minha trajetória intelectual posterior. Nessas condições, devo total reconhecimento à Revista Espaço Acadêmico (UEM), cujo editor, Antonio Ozáí da Silva, acolheu em duas oportunidades a publicação de dossiês ou seções especiais organizados por mim sobre o pensamento de Bauman, Dossiê Zygmunt Bauman (outubro de 2011), e ESPECIAL - ZYGMUNT BAUMAN: 90 anos (novembro de 2015). Dentre tantos textos publicados sobre questões convergentes com o pensamento de Bauman, cito, por princípio de economia, apenas aqueles em que registrei o nome do gênio polonês no título, uma vez que toda minha produção acadêmica está registrada detalhadamente em meu Currículo Lattes: “A estrutura simbólica da vida líquida em Zygmunt Bauman”, publicado na revista Argumentos, da UFC,

no v. 4, 2010, e “Zygmunt Bauman e a administração da vida na era da liquidez”, publicado na Revista Escritos, periódico editado pela Fundação Casa de Rui Barbosa, v. 4, 2010.

Contudo, talvez nada mais especial do que a publicação da entrevista que esse grande intelectual me concedeu para a revista Filosofia Ciência & Vida, denominada *A aflição da vida líquida*, que foi abreviada em sua extensão por questões de cunho editorial. Em oportunidade posterior publiquei a versão integral da entrevista com uma nova apresentação e nova configuração textual na revista Documenta, do curso de Comunicação Social da Faculdade CCAA, sob o título *Panoramas da Modernidade Líquida: entrevista com Zygmunt Bauman*. O processo de produção da entrevista ocorreu de maneira surpreendentemente veloz, sendo mediada pela então assessora de imprensa de Bauman no Brasil, representando os interesses comerciais da renomada Editora Jorge Zahar. Originalmente fora estabelecido o prazo, com flexibilidade, de um mês para que Bauman respondesse as questões da entrevista, realizada via e-mail, contudo, nosso intrépido pensador redigiu suas respostas em apenas quatro dias, e o maior trabalho técnico consistiu na tradução do original em inglês para o português. Fica aqui o registro de reconhecimento a Bauman por seu comprometimento intelectual, qualidade que deveria servir de exemplo para muitos pesquisadores brasileiros renomados que se encastelam em sua presunção e arrogância, tornando-se inacessíveis. Quem são esses filisteus acadêmicos perante um intelectual da envergadura de Bauman, incansável e permanentemente atento aos problemas cruciais da vida humana?

A DOMESTICAÇÃO DE ZYGMUNT BAUMAN

A produção intelectual de Zygmunt Bauman se configura no seio de nossa sociedade em crise como uma grande força cultural capaz de favorecer um entendimento profundo dos problemas estruturais que perpassam nossa organizacional civilizacional consumista e tecnocrática. Um dos mais temas consagrados na obra de Bauman é a metáfora da liquidez para expressar a concepção de que o projeto cultural da Modernidade não foi definitivamente superado, mas se encontra em processo de dissolução na era da globalização, do neoliberalismo, dos tempos sombrios da crise mundial. A liquefação atinge a vida humana como um todo em suas mais diversas segmentações, da política ao amor. Público e privado se dissolvem, e vivemos sob a ameaça contínua das incertezas existenciais que dissolvem todas as pretensas identidades fixas.

A verve criadora de Bauman é um estímulo para todo intelectual que visa desenvolver uma obra de intervenção na sociedade vigente, suprimindo a burocracia de espírito que perpassa diversos acadêmicos que vivem à custa do erário público e que somente se tornam produtivos por

conformidade aos critérios normativos da progressão funcional e das metas dos fomentos de pesquisa. Estudar a obra de Bauman é um exercício transdisciplinar que retira o pesquisador/leitor da letargia própria da massificação cultural vigente, e que favorece a formação de uma consciência crítica capaz de religar os saberes usualmente desconectados epistemologicamente pelo espírito de especialização hipertrofiada, em que ninguém consegue dialogar com ninguém, mantendo-se assim uma idiotia intelectual autocentrada. Por conseguinte, a base sociológica de Bauman não restringe o alcance das suas ideias a um nicho epistêmico específico, mas agrega positivamente segmentos distintos das humanidades e discursos conexos.

O fato de apresentar sem rodeios os problemas que estabelecem a grande cisão humana em tempos bárbaros tais como globalização seletiva, os desmandos da economia neoliberal, emergência de guerras tribais, diásporas de refugiados, falência ambiental promovida pela industrialização desenfreada e pelo consumismo inconsequente, dentre outros, longe de caracterizar um pessimismo prático que conduz ao niilismo existencial, em verdade se concretiza como uma denúncia ética sobre a despersonalização humana e seus efeitos imediatos na degradação civilizacional, favorecendo assim uma mudança na gestão pessoal e social. Para que possamos agir de maneira transformadora, é imprescindível que conheçamos a crueza situacional vigente. Contudo, a capacidade de Bauman dialogar com clareza acerca das questões cruciais que atormentam a consciência do homem na era das incertezas existenciais, se por um lado tornam convenientemente acessíveis tais questões para o público letrado intelectualmente esclarecido, por outro estimula sua transformação em produto consumível para uma massa de filisteus que se aferra grosseiramente a conceitos que se convertem em palavras de ordem que acabam por pasteurizar a própria intensidade do pensamento original.

O pensamento holístico de Bauman rompeu os paradigmas herméticos do discurso academicista restrito a apenas um clã de iniciados, mas sofreu manipulações ideológicas da indústria cultural que segmenta suas ações deletérias no mercado editorial, de maneira que, descoberto como um grande filão literário, os textos de Bauman são publicados regularmente pelos detentores dos seus direitos autorais no Brasil em formatos enxutos para que possam assim render mais lucros aos especuladores da cultura. Não será de se estranhar se no porvir anotações esparsas de Bauman em pequenos folhetos ou guardanapos vierem a ser editadas e publicadas em livros, aumentando assim os dividendos dos seus guardiões literários. Toda nova publicação de Bauman merece ser lida com detidamente, mas parece existir uma pressão editorial para que o gênio polonês continuamente lance novos títulos no mercado literário. Por outro lado, independentemente das motivações editoriais, é excelente que um autor provector como Bauman continue produzindo constantemente. Eventos culturais que deveriam promover de maneira ampla e irrestrita o debate das ideias de Bauman se

tornam círculos fechados para assinantes de jornais de grande circulação caracterizados, não raro, por promoverem justamente diversos problemas denunciados por Bauman nos seus escritos, como a manipulação da opinião pública, a confusão noticiosa dos acontecimentos que gera ansiedade e inquietação nas massas, a estereotipagem de estrangeiros e grupos minoritários, assim como a exaltação da onipotência do mercado como a grande locomotiva da história humana.

O pensamento de Bauman, estandardizado pela indústria cultural, adquire tons espetaculares, anulando assim sua potência contestadora. O pensamento de Bauman é vendido como se fosse um vade-mécum capaz de explicar todos os problemas da sociedade tecnocrática e os desvios axiológicos da Modernidade, tornando-se um produto extremamente atrativo para pessoas existencialmente desorientadas, que recorrem ao pensamento de Bauman como se este fosse o guru capaz de dar todas as respostas necessárias para a manutenção do equilíbrio interior do sujeito. O leitor-médio, encantado pela força argumentativa de Bauman, estabelece com ele uma visão unidimensional, desconhecendo talvez que Bauman é interlocutor constante com o pensamento de Kant, Hannah Arendt, Erich Fromm, Adorno, Habermas ou Anthony Giddens, dentre muitos outros, disposição intelectual que reforça a sua capacidade dialógica e a consistência da sua argumentação crítica acerca dos paradigmas da falência da sociabilidade moderna. Pode-se perfeitamente ler os inúmeros livros de Bauman sem que se busque o mapeamento das suas fontes bibliográficas; todavia, um estudo dedicado ao conjunto das ideias insólitas de Bauman forçará um projeto de compreensão orgânica das suas fontes intelectuais. Com efeito, para que possamos entender convenientemente as ideias de um pensador, é importantíssimo que saibamos suas influências intelectuais originárias e suas convergências ou divergências de pensamento.

A grande massa leitora apenas se deixa levar pelo brilhantismo estilístico de Bauman e repete sem profundidade epistemológica os seus conceitos, e quando ocorrem as oportunidades concretas para que se apliquem na prática social as suas ideias, muitos soçobram na impotência de ação, pois no fundo não estão dispostos a mudar como pessoas, mas apenas a formar uma boa consciência, que gera nesses sujeitos alienados uma falsa bonomia existencial. Decorre daí a importância cultural de se criar condições de possibilidade para que uma vanguarda intelectual venha a se apropriar da responsabilidade epistemológica de promover uma rigorosa depuração dos traços comercialistas que estão presentes na infame especulação editorial sobre a obra de Bauman, de modo a se honrá-lo convenientemente por ele ser um pensador reconhecido intelectualmente por seu comprometimento com investigações honestas e apuradas sobre as mazelas de nossa realidade social, fragmentada pela ausência de laços solidários entre os seus membros lesados. Talvez seja até mesmo pertinente que os assessores de imprensa da obra de Bauman no mercado literário brasileiro e seus asseclas não

reconheçam o trabalho crítico desenvolvido por pesquisadores dedicados aos problemas levantados pelo brilhante pensador polonês, pois assim se torna possível a manutenção da independência intelectual desse grupo acadêmico disperso geograficamente, mas em comunhão cultural constante graças aos pontos de convergência que os unificam intelectualmente, não obstante estilos e orientações epistemológicas distintas.

Periódicos acadêmicos e dossiês que versam sobre o pensamento de Bauman passam em silêncio perante os guardiões literários do eminente intelectual na indústria cultural editorial brasileira, que certamente temem perder o controle sobre sua grande fonte de lucro ao sofrerem a desmistificação intelectual própria da crítica radical. O que a indústria cultural editorial faz é suprimir a radicalidade de Bauman em nome de sua fácil assimilação pelos consumidores-leitores, que, talvez emancipados da sanha de consumo desenfreado de bens materiais fugazes, encontram ainda dificuldade em se libertar do consumismo literário, etapa que, apesar de sua relativa sofisticação, também deve ser superada pelo sujeito que pretende se libertar das pressões normativas de adição para se tornar singular em sua existência. Não basta ler muito, é necessário ler bem. Não basta posar para fotos ao lado de Bauman em eventos espetaculares, não basta obter um autógrafo lavrado por sua digníssima mão. É necessário lê-lo e relê-lo, comentá-lo, citá-lo criticamente, conhecer a teia complexa da sua obra, e mesmo modificar as bases axiológicas da própria vida ao se reconhecer o valor das ideias do grande pensador, diagnosticador da grande crise global que afeta todas as instâncias da vida humana.

O maior reconhecimento intelectual que se pode fornecer a Bauman é retirar toda aura sagrada em torno de seu nome, criticá-lo e superá-lo, em um movimento antropofágico. Caso contrário, correremos o risco de criarmos uma religião laica, que faz da voz do mestre o discurso de verdade perante o qual todos devem se adequar para que obtenham a salvação imanente na grande era da liquidez. Talvez não seja de se estranhar se porventura, graças ao desserviço cultural promovido pelos detentores dos direitos da obra de Bauman no território brasileiro, seguidores se reunirem e criarem uma seita que o divinize. Se existe uma Igreja Positivista que celebra grandes gênios da humanidade como baluartes da ciência (em substituição ao divino, aos santos e aos anjos), realmente se torna plausível que na Idade de Ferro da Cultura Líquida o legado de Bauman se converta no discurso sagrado que orientará a humanidade para os tempos difíceis do porvir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não pretendi nesse artigo realizar um estudo aprofundado sobre o pensamento de Bauman, atividade crítica que já exerci em diversos artigos pregressos e que certamente exercerei no porvir,

uma vez que considero a obra de Bauman um manancial de ideias que podem ser desenvolvidas em inúmeros desdobramentos temáticos, pois apresentam valiosas interpretações sobre a conjuntura de nossa atual gestão civilizacional. A um autor que me marcou intelectualmente de maneira tão formidável, deixo registrado nesse escrito meu tributo pela realização dos 90 anos de Zygmunt Bauman.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **O mal-estar na pós-modernidade**. Trad. de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **Medo Líquido**. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BITTENCOURT, Renato Nunes. **“A aflição de uma vida líquida - Entrevista com Zygmunt Bauman”**. In: *Filosofia Ciência & Vida*, n. 58, 2011, p. 6-13.

_____. **Comunicação e Filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. CCAA, 2007.

_____. **“Entrevista: Zygmunt Bauman. Panoramas da modernidade líquida”**. In: *Documenta*, v. 4, 2011, p. 97-109.

_____. **“A estrutura simbólica da vida líquida em Zygmunt Bauman”**. In: *Argumentos*, v. 4, 2010, p. 75-85.

_____. **Nietzsche e a experiência religiosa da imanência na cultura trágica dos gregos e na práxis crística originária** (Tese de Doutorado em Filosofia). Rio de Janeiro: IFCS/PPGF-UFRJ, 2010.

_____. **“Zygmunt Bauman e a administração da vida na era da liquidez”**. In: *Revista Escritos* (Fundação Casa de Rui Barbosa), v. 4, 2010, p. 93-113.